

Paternalismo, habitação, fidelização operária. O caso do bairro da Sta . Bárbara no Barreiro

Alexandre Martins

Apresentação

Com a presente comunicação¹, pretende-se fundamentalmente centrar a atenção sobre a habitação operária construída no quadro dos sistemas de gestão do tipo paternalista na indústria. Com este intuito, começa-se por discutir a disponibilização de habitação pelas empresas paternalistas enquanto uma *resposta* particular de um tipo de empresas capitalistas ao problema do controlo da sua mão de obra operária. Seguidamente, apresenta-se um caso perfeitamente exemplar do ponto de vista da caracterização do paternalismo, o do Bairro de Santa Bárbara, edificado no Barreiro no quadro da política de habitação operária desenvolvida pela Companhia União Fabril, que a seu tempo chegou a ser o maior empreendimento industrial da Península Ibérica. O período ao qual se reportam as afirmações que aqui são avançadas situa-se entre 1908, ano de edificação do bairro, e meados dos anos '70, imediatamente antes das transformações políticas que determinaram a nacionalização da empresa.

A manufactura do consentimento nos contextos de gestão paternalistas

Um dos problemas das empresas industriais de tipo capitalista é, segundo a expressão de Michael Burawoy, a *manufactura do consentimento* dos seus trabalhadores face à organização do processo de trabalho². Dito de outro modo, é um problema central para essas empresas conseguirem motivar os seus trabalhadores para o trabalho, de molde a garantirem os níveis de produção, mantendo-os integrados na esfera produtiva e impedindo também que adoptem, no limite, posturas radicais face à organização do modo de produção (no sentido marxista). Este consentimento pode, pois, sem prejuízo, ser concebido, inversamente, como um problema de motivação. Ora, de acordo com Paul Ricoeur³, a *motivação* para a aceitação da dominação⁴ – por exemplo, capitalista – tende a ser produzida pela ideologia. Esta última tende a aparecer como um elemento fundamental para a manutenção das relações de desigualdade entre grupos ou classes, contribuindo para a geração daquele *consentimento* nos grupos dominados e, assim, para a legitimação e reprodução da ordem social. Conforme afirma Ricoeur⁵, o fenómeno ideológico engloba, pois, além das clássicas funções de dissimulação e justificação das relações de dominação entre grupos sociais, uma dimensão, igualmente importante, de integração social.

No caso do paternalismo patronal⁶, como salienta Gubin⁷, este problema de

¹ Este texto resulta duma tentativa de síntese parcial duma dissertação de mestrado apresentada ao ISCTE, sob o título *Paternalismo Patronal e Habitação Operária – O Caso da Companhia União Fabril, no Barreiro* (2003), Lisboa, ISCTE

² Cfr. BURAWOY, Michael (1987), *Manufacturing Consent – Changes in the Labor Process Under Monopoly Capitalism*, Chicago, University of Chicago Press, pp.25 e seguintes. Note-se que, para Burawoy, este é um problema cuja presença é historicamente variável.

³ Cfr. RICOEUR, Paul, (1991), *Ideologia e Utopia*, Lisboa, Ed. 70 e, também, RICOEUR, Paul, (s/d), *Do Texto à Acção*, Porto, Rés Editora, pp.300-400.

⁴ Assim como da concomitante expropriação da mais-valia do trabalho, no caso em apreço.

⁵ Cfr. *idem, ibidem*.

⁶ O paternalismo patronal foi um modo de gestão da mão de obra operária na indústria, que se implantou um pouco por toda a Europa, desde meados do século XIX e, nos casos que mais se prolongaram no tempo, até meados do século XX.

consentimento/motivação é concebido de tal forma que a sua solução típica – no sentido de Weber - aparece associada a princípios de justificação do exercício da dominação, indispensáveis à criação de um mínimo de legitimidade nas relações sociais nas fábricas⁸, baseados, predominantemente, na dissimulação das relações entre classes antagonistas através de discursos e práticas tendentes a fazer atribuir àquelas relações características próprias das relações de tipo familiar. Discursos e práticas que surgem, por seu turno, materialmente reforçados pela disponibilização de um conjunto de serviços sociais e habitação aos trabalhadores, que assim mais propensos se encontram a associarem a imagem do patrão à de uma espécie de ‘pai’ ou familiar próximo, providente e protector. Assim sendo, as políticas de habitação operária de cunho paternalista⁹ apresentam-se, neste enquadramento genérico, como vectores estratégicos de primeira importância para o reforço da dependência, a socialização e a integração da mão de obra operária no sistema social das respectivas empresas. Numa palavra¹⁰, para a *fidelização* dos operários. Mas, em rigor, um dos efeitos sociais relevantes deste tipo de intervenção situa-se no plano dos processos de construção das populações residentes.

A construção social das populações e a constituição de identidades de forte referente sócio-territorial.

Diremos, no que a este particular se refere, que a intervenção paternalista dos patrões da indústria no plano da habitação operária teve por efeito central, do ponto de vista da respectiva expressão sócio-territorial, a *construção social de novas populações operárias*¹¹, junto às respectivas unidades industriais, através da selecção dos residentes segundo critérios associados à gestão industrial. É um facto que muitas empresas paternalistas tiveram como preocupação, à medida que cresceram, fixar junto a si os operários mais importantes para o funcionamento das fábricas - isto é, em regra, os mais qualificados ou especializados dentre eles; por outro lado, a própria lógica paternalista terá tendido a estender a dependência operária face às empresas ao âmbito da família operária¹². Este processo, de construção social das populações, também terá estado associado à emergência de uma relação particular entre a habitação e o trabalho operários, caracterizada pela vivência destes dois campos sem solução de continuidade, em situações em que os colegas de trabalho eram, igualmente, os vizinhos e em que, como refere Castel, os alojamentos se encontravam integrados no próprio espaço da produção industrial (Castel, 1999; Pereira, 1994). Estes traços terão, em diversos casos, fornecido todas as condições para a emergência daquilo a que nomearíamos de uma experiência particular da condição trabalhadora na indústria, a qual terá propiciado a emergência de identidades sociais operárias, com especificidades próprias a cada um destes contextos, as quais terão incrementado a fidelidade dos trabalhadores às suas empresas, acabando, pois, por produzir um efeito propriamente ideológico, como se verifica quando analisadas no contexto

⁷ Cfr. GUBIN, Eliane (1990), “Libéralisme économique et paternalisme en Belgique au XIXe siècle”, in AERTS, Erik, BEAUD, Claude e STENGERS, Jean, *Liberalism and Paternalism in the 19th Century*, Leuven, Leuven University Press

⁸ As relações na produção, a que se refere Burawoy, por contraste com as relações de produção (Cfr. Burawoy, *op.cit.*, mas também ESTANQUE, Elísio (2000), *Entre a Fábrica e a Comunidade – Subjectividades e Práticas de Classe no Operariado do Calçado*, Porto, Ed. Afrontamento).

⁹ A intervenção sistemática dos patrões ao nível da promoção e afectação de habitação operária foi, com efeito, uma das propriedades típicas destes sistemas de gestão (Cfr. CASTEL, Robert (1999), *As metamorfoses da questão social – Uma crônica do salário* (2ª ed.), Petrópolis, Editora Vozes)

¹⁰ Trata-se, de certa maneira, de um eufemismo; no entanto, pareceu adequado reservar o termo, quer por conveniência de ordem expositiva, quer por ele representar, afinal, a relação trabalhador/empresa/patrão de forma sugestiva para o caso do paternalismo.

¹¹ Sobre o conceito de construção social das populações, Cfr. Chamboredon (199.. e Baptista (1999)

¹² Cfr. CASTEL, *op. cit.*, mas também ALMEIDA, Ana Nunes de (1993), *A Fábrica e a Família – Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Edição da Câmara Municipal do Barreiro

social da sua produção permanente.

O caso do bairro de Santa Bárbara.

A política de habitação da Companhia União Fabril, que determinou a edificação do Bairro de Santa Bárbara, mostrou-se altamente exemplar deste tipo de enquadramento social, na medida em que se tornou responsável pela própria *criação* da respectiva população residente, a qual não existiria de outro modo¹³. Esta intervenção patronal materializou-se, ao nível físico, em diversos conjuntos habitacionais e respectivos equipamentos colectivos. No bairro, além das casas para operários e uma república para jovens trabalhadores, indiferenciados ou aprendizes, foram construídos um balneário para as operárias, uma cantina, uma despensa e um cinema. Foi nestes conjuntos habitacionais que se começaram a alojar, a partir de 1908, diversos operários e respectivas famílias. É esta população operária, a qual se começa a estabelecer nas casas da Companhia a partir de então, que se pode dizer ter sido verdadeiramente *construída* por meio daquela política habitacional.

A questão encerra prolongamentos importantes, designadamente no plano da constituição de uma “identidade de bairro”¹⁴ com efeitos objectivos de reforço da dependência operária e de legitimação da dominação. Na verdade, se é lícito dizer-se que a política de habitação da Companhia União Fabril constituiu uma nova população na então vila ribeirinha, isto, todavia, não basta: esta “constituição” não se realizou apenas através da fixação geográfica dos indivíduos, estabilizando-os do ponto de vista da sua mobilidade espacial, mas também contribuindo para a estruturação, na população, de certas características mais propriamente sociológicas, conferindo-lhe traços típicos, com necessárias implicações ao nível da construção identitária dos residentes no bairro enquanto tais. O processo definiu-se, bastante, pela existência de apertados e rígidos critérios de acesso à habitação disponibilizada pela Companhia, critérios esses que, porque relativos à selecção dos residentes partindo da análise de determinadas particularidades sociais dos indivíduos, produziu, logo à partida, uma grande homogeneidade *sociográfica* na população¹⁵. Existiu, por conseguinte, uma dimensão socialmente produtiva e, de algum modo, *caracterizadora* da população, da política de habitação da C.U.F., radicada na existência de critérios específicos, estipulados pela Companhia, para a selecção dos residentes nas casas disponibilizadas. Isto, tanto mais quanto estes critérios se referiam a importantes dimensões da posição social dos trabalhadores, como a sua situação profissional – trabalhadores permanentes vs. precários¹⁶ - e familiar, definindo, por conseguinte, no espaço social constituído pela população trabalhadora na C.U.F., um sub-conjunto de trabalhadores, passíveis de se tornarem residentes, ou efectivamente residentes, consoante os casos, de uma das casas da Companhia. Esta selectividade social, que nunca deixou de estar presente, é, sem dúvida, uma dimensão de relevo na política de habitação da Companhia União Fabril.

Por outro lado, o posicionamento dos trabalhadores face à obtenção de alojamento na CUF não era passivo; estes organizavam-se, de acordo com o seu conhecimento das possíveis oportunidades e através das suas redes de sociabilidade, nomeadamente as familiares e as que os ligavam às suas localidades de origem¹⁷, e procuravam aceder à habitação disponibilizada pela

Comment [YUN1]: Descrição
BSB:fazer

¹³ Na verdade, a população do Bairro de Santa Bárbara constituiu-se, maioritariamente, de migrantes, oriundos do mundo rural – que não habitavam, por conseguinte, no Barreiro, nem, nos casos em que tal sucedia, o faziam conjuntamente Cfr. MARTINS, Alexandre, *op.cit.*

¹⁴ Sobre o conceito de identidade de bairro, Cfr. Costa, ...

¹⁵ As semelhanças de condição de classe (assalariados da indústria), de tipo de origem sócio-territorial (sobretudo migrantes rurais), de situação laboral (trabalhadores da CUF), de percurso residencial (habitação em más condições, antes de morarem na CUF), assim como a própria importância das sociabilidades baseadas no parentesco, afinidade e na origem territorial para o acesso ao trabalho e à habitação na CUF (Cfr. MARTINS, *op.cit.*), foram fulcrais para a construção desta identidade dos moradores do Bairro de Santa Bárbara.

¹⁶ Apenas os trabalhadores efectivos tinham acesso à habitação, e os familiares dos já residentes tinham maior probabilidade de aceder aos alojamentos que vagavam Cfr. *idem.*

¹⁷ Cfr. *idem.*

empresa. No entanto, eram os serviços burocráticos da empresa – através do Serviço de Pessoal - que decidiam quem acedia ao estatuto de morador. Quando vagava uma casa, dado a procura ser, em regra, superior à oferta, não bastava preencherem-se os requisitos ditados pelos serviços, uma vez que vários o poderiam fazer. Foi neste espaço de alguma indeterminação que se terá inscrito uma certa discricionabilidade na decisão, que terá levado os operários a procurarem, com frequência, ter “boas relações” com as chefias, o que reforçou, ainda, a sua sujeição.

Importa ainda dar relevo ao facto de os vizinhos serem, (como é também um traço típico do paternalismo, tal como referido acima) no Bairro de Santa Bárbara, os colegas de trabalho e de a habitação e o trabalho se localizarem no mesmo enquadramento físico, o mesmo perímetro industrial. Neste enquadramento, todo o ambiente foi construído de acordo com uma estética que se reputaria de *industrialista*, a qual está bem reflectida na toponímia do bairro, integralmente constituída por nomes de engenheiros químicos ou físicos ou, ainda, de matérias-primas da indústria transformadora¹⁸.

Estes, são traços centrais para a compreensão das referências identitárias dos residentes, porquanto se transformaram, nesse plano, em formas de reforço e manifestação da pertença dos operários à CUF: se contribuíram para o reforço da identificação dos operários com o empreendimento industrial, pelo seu próprio peso na estruturação de um quadro de interacção alicerçado num estreitamento das relações entre o *habitat* e o trabalho operários, converteram-se, também, no plano expressivo, em manifestações claras dessa identificação, que os próprios residentes ainda utilizam, hoje, como recurso simbólico ou signo da sua pertença à antiga Companhia. As representações do bairro e do modo de vida dos residentes podem ser concebidos, deste ponto de vista, como recursos simbólicos privilegiados que estes utilizam para afirmarem e demonstrarem a sua identidade social. Desta maneira, essas entidades surgem, no plano discursivo, como símbolos ou sinais centrais de uma pertença social que, no limite, implica, em certos casos, uma recusa dos tempos actuais. A identificação com o quadro paternalista de funcionamento industrial atinge, neste último caso, a sua expressão mais evidente.

Conclusão

A análise da importância da habitação na construção social de populações operárias e na estruturação de quadros ideológicos orientados para a legitimação de relações sociais desiguais e a produção do consentimento operário parece ser um domínio com interesse nos planos da conceptualização teórica, mas também da pesquisa substantiva. A este título, o caso da Companhia União Fabril ganha contornos de assinalável relevo, porquanto se apresenta como um exemplo acabado do funcionamento articulado de diversos factores na produção de fenómenos desse tipo, assim como por se tratar de uma experiência absolutamente rara, senão única, em Portugal.

A construção social e ideológica das populações no quadro de sistemas industriais baseados na exploração e dominação capitalistas de tipo paternalista pode assumir, também, um teor explicativo que vai muito para além das valências da própria sociologia do território. Tal capacidade explicativa pode influir, com vigor, na análise das condições de produção dos índices de desempenho económico destas empresas, através do seu contributo para o estudo do controlo de um factor produtivo de primeira importância na produção capitalista industrial deste tipo, a força de trabalho humana, controlo esse que, pelo menos, terá reduzido os graus de incerteza económica da gestão industrial, nas suas relações com o seu ambiente económico.

¹⁸ Cfr. *idem*.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Ana Nunes de, *A Fábrica e a Família – Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Edição da Câmara Municipal do Barreiro, 1993
- BAPTISTA, Luís V., “Os discursos moralizadores sobre a família”, in *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV (1926-1958), Publicações Alfa, 1990, pp. 353-360
- BAPTISTA, Luís V., *A Cidade em Reinvenção. Crescimento Urbano e Emergência das Políticas Sociais de Habitação. Lisboa, Século Vinte.*, dissertação de doutoramento em sociologia rural e urbana, FCSH-UNL, 1996
- BAPTISTA, Luís V., *Cidade e Habitação Social*, Lisboa, Celta Editora, 1999
- BASTOS, Susana Pereira e BASTOS, José Gabriel Pereira, “A luta das representações’ identitárias em Portugal”, in PINHEIRO, Magda, BAPTISTA, Luís V. e VAZ, Maria João, *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades*, Oeiras, Celta Editora, 2001
- BEAUD, Claude, “Les Schneider au Creusot: un modèle paternaliste en réponse aux impératifs du libéralisme et à la montée du mouvement socialiste”, in AERTS, Erik, BEUAD, Claude e STENGERS, Jean, *Liberalism and Paternalism in the 19th Century*, Leuven, Leuven University Press, 1990
- BERNARD, Yvonne, “Du Logement au Chez-Soi”, in SEGAUD, Marion, *et al (dir.), Logement et Habitat – L’État des Savoirs*, Éditions la Découverte, Paris, 1998, pp. 374-381
- BURAWOY, Michael, *Manufacturing Consent – Changes in the Labor Process under Monopoly Capitalism*, Chicago, University of Chicago Press, 1979
- CABRAL, Manuel Villaverde, *O Desenvolvimento do Capitalismo em Portugal no Século XIX*, (2ª ed, rev. e acresc.), Lisboa, A Regra do Jogo, 1977
- CASTEL, Robert, *As metamorfoses da questão social – Uma crônica do salário* (2ª ed.), Petrópolis, Editora Vozes, 1999
- CHAMBOREDON, Jean-Claude, “Construction sociale des populations”, in *Histoire de la France urbaine – Tome 5, La ville aujourd’hui. Croissance urbaine et crise du citadin*, Paris, Seuil, 1985
- CHOAY, Françoise, *L’Urbanisme, Utopies et Réalités – Une Anthologie*, Paris, Éditions du Seuil, 1999
- CORDEIRO, Florbela, *A Visão Paternalista de Alfredo da Silva*, tese de licenciatura em sociologia, FCSH-UNL, 2002
- COSTA, António Firmino da, *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora, 1999
- COSTE, Michel, “Vivre en Ville – Appropriation, Appartenance, Identité”, in DUBY, Georges (Dir.), *Histoire de la France Urbaine*, Paris, Seuil, 1985
- CRUZ, Maria Alfreda, *A Margem Sul do Estuário do Tejo: Factores e Formas da Organização do Espaço*, Montijo, s/ed., 1973
- ELEB, Monique, “L’Habitation, entre Vie Privée et Vie Publique”, in SEGAUD, Marion, *et al (dirs.), Logement et Habitat – L’État des Savoirs*, Éditions la Découverte, Paris, 1998, pp. 68-74
- GRAFMEYER, Yves, “Logement, Quartier, Sociabilité”, in SEGAUD, Marion, *et al, (dirs.), Logement et Habitat – L’État des Savoirs*, Éditions la Découverte, Paris, 1998, pp. 347-354

Comment [YUN2]: Ver este texto e o do Roncayolo

- GUBIN, Eliane, “Libéralisme économique et paternalisme en Belgique au XIXe siècle”, in AERTS, Erik, BEAUD, Claude e STENGERS, Jean, *Liberalism and Paternalism in the 19th Century*, Leuven, Leuven University Press, 1990
- GUERRAND, Roger-Henri, “Espaços Privados”, in ARIÈS, Philippe, DUBY, Georges, *História da Vida Privada*, Vol. 4, Edições Afrontamento, Porto, 1990, pp. 325-412
- JANARRA, Pedro, *A Política Urbanística e de Habitação Social no Estado Novo. O Caso do Bairro de Alvalade de Lisboa (entre o Projecto e o Concretizado)*, dissertação de mestrado em sociologia, ISCTE, Lisboa, 1994
- LE BRAS, Hervé, *A Invenção das Populações – Biologia, Ideologia e Política*, Lisboa, Instituto Piaget, 2001
- LeGATES, Richard T., and STOUT, Frederic, “Modernism and Early Urban Planning, 1870-1940”, in LeGATES, Richard T., and STOUT, Frederic, *The City Reader*, (2nd edition), London, Routledge, 2000, pp.299-313
- LÉGER, Jean-Michel, “Habiter le Logement, Habiter la Ville”, in SEGAUD, Marion, *et al*, (dirs.), *Logement et Habitat – L’État des Savoirs*, Éditions la Découverte, Paris, 1998, pp. 365-373
- MARTINS, Alexandre, *Paternalismo Patronal e Habitação Operária: O Caso da Companhia União Fabril, no Barreiro*, dissertação de mestrado em Cidade, Território e Requalificação, Lisboa, ISCTE, 2003
- MARTINS, Ana, *A Quimigal no Barreiro: Um Levantamento do seu Património Museológico*, tese de licenciatura em antropologia, ISCSP, 1996
- PEREIRA, Nuno Teotónio, “Pátios e Vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário”, in *Análise Social*, nº 127, 1994, pp. 509-524
- RAYMOND, Henri, “Habiter et Vie Quotidienne”, in SEGAUD, Marion, *et al*, (dirs.) *Logement et Habitat – L’État des Savoirs*, Éditions la Découverte, Paris, 1998, pp. 390-396
- RONCAYOLO, Marcel, “Changements dans les pratiques sociales”, in DUBY, Georges (Dir.), *Histoire de la France urbaine*, Paris, Seuil, 1985, pp.473-526
- RONCAYOLO, Marcel, “Nouveau Cycle ou fin de l’urbanisation?”, in DUBY, Georges (Dir.), *Histoire de la France urbaine*, Paris, Seuil, 1985, pp.15-131
- ROSAS, Fernando, “Mitos e Realidades na História Portuguesa do Século XX”, in VVAA, *Portugal na Transição do Milénio*, Lisboa, Fim de Século, 1998, pp.69-79
- SCHULZ, Günther, “Industrial patriarchy in Germany”, in AERTS, Erik, BEAUD, Claude e STENGERS, Jean, *Liberalism and Paternalism in the 19th Century*, Leuven, Leuven University Press, 1990